

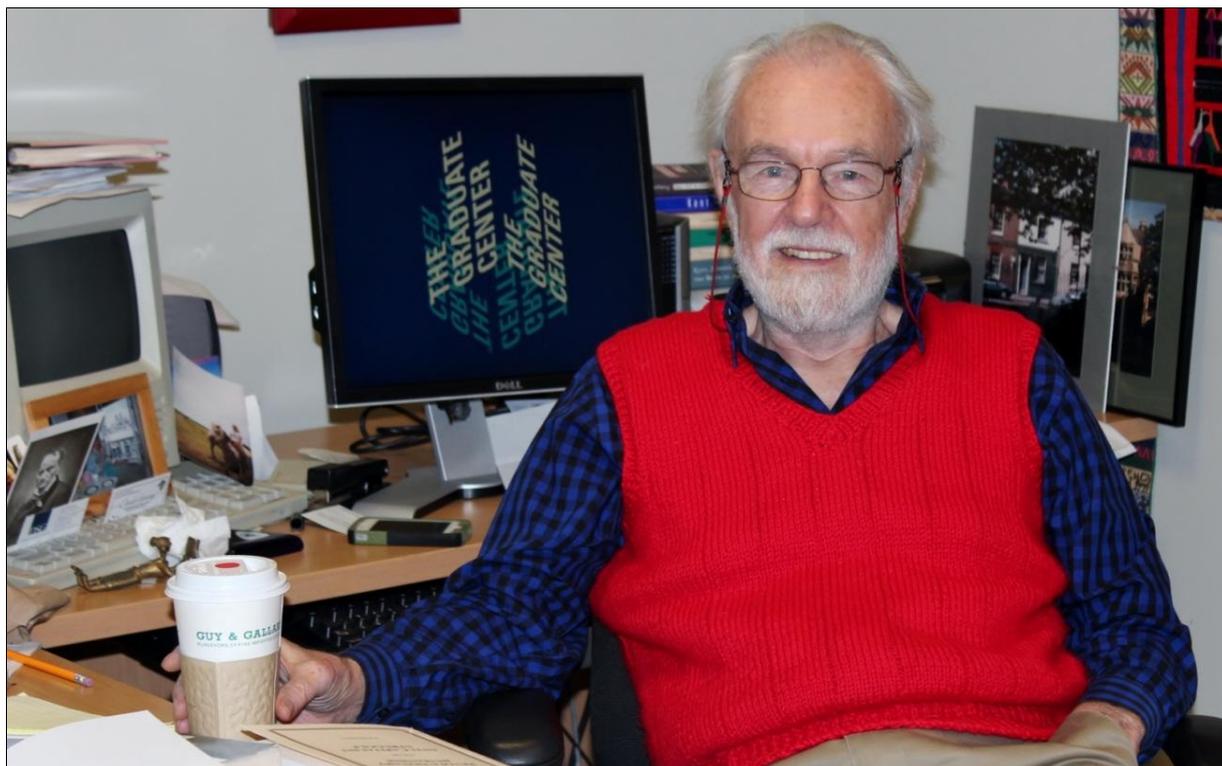
## ENTREVISTA COM DAVID HARVEY

Samuel Frederico<sup>1</sup>

Marina Castro<sup>2</sup>

Luís Cunha<sup>3</sup>

Gisele Meleiro Rodrigues<sup>4</sup>



Fonte: Gisele Meleiro Rodrigues

Durante o estágio de doutoramento da pós-graduanda Marina Castro (MC) e o meu período como Pesquisador Visitante, no *Graduate Center* (Centro de Pós-Graduação), da Universidade da Cidade de Nova York (CUNY), no segundo semestre de 2012, tivemos a oportunidade de estabelecer encontros semanais com o professor David Harvey, nas suas aulas sobre os Grundrisse, de Marx, assim como em palestras e demais atividades. A cada novo encontro, muitas questões surgiam, o que nos fez propor uma entrevista, prontamente aceita. Durante o encontro, realizado em sua sala, na CUNY, no dia 10 de dezembro de 2012, outros

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Geografia da UNESP – Campus de Rio Claro. sfrederico@rc.unesp.br

<sup>2</sup> Universidade da Cidade de Nova York (CUNY).

<sup>3</sup> Universidade da Cidade de Nova York (CUNY).

<sup>4</sup> Universidade da Cidade de Nova York (CUNY).

dois colegas geógrafos, Luís Cunha (LC) e Gisele Meleiro Rodrigues (GMR), se juntaram a nós. Portanto, as questões aqui sistematizadas não seguem uma ordem linear, tratam de indagações que foram surgindo a partir de leituras e do convívio no *Graduate Center*. A convite do professor David Harvey, o vídeo da entrevista será publicado em seu blog ([davidharvey.org](http://davidharvey.org)).

Rio Claro, 02 de março de 2013.  
Samuel Frederico (SF)

SF - Se observarmos as produções dos geógrafos no período de renovação da Geografia (entre as décadas de 1970 e 1980), percebemos que havia uma preocupação em propor uma análise crítica da sociedade a partir de conceitos e categorias da Geografia. Havia, inclusive, uma ideia de que Marx havia negligenciado a dimensão espacial, e, portanto, a ênfase numa análise espacial era um dos objetivos principais dos geógrafos, inclusive de seus trabalhos, naquele momento. Você acha que esses objetivos foram alcançados? O que mudou durante esses anos? Qual é o papel da Geografia Crítica hoje?

DH - Nos anos de 1970, quando alguns de nós, geógrafos começamos a trabalhar com as teorias marxistas, havia uma falta evidente de preocupação, não apenas com relação às questões espaciais, mas também se ignorava as questões ambientais - apesar de a Geografia Tradicional ter trabalhado com as configurações espaciais e ambientais, o que se chamava historicamente de relações homem-terra. Havia claramente um problema, em tentarmos colocar a Geografia no Marxismo. E se fez isso, por meio de questões como a produção do espaço e a produção da natureza. Parte do trabalho inicial feito por mim e pelo Neil Smith, entre outros, tentou trazer tais questões para dentro do pensamento marxista. Este era frequentemente relutante em aceitá-las. Acho que demorou praticamente uma geração inteira, para que as questões ambiental e espacial fossem mais amplamente aceitas pelo marxismo.

Em geral, o marxismo já não é muito aceito. E com o fim da União Soviética e o surgimento da política de identidade – questões de raça, gênero e sexualidade -, a definição de radicalismo e a aceção do que é crítico deslocou-se em direção a um grupo muito mais amplo de questões do que aquelas que eram tipicamente abordadas pelo marxismo. Enquanto os geógrafos fizeram um bom trabalho, trazendo a Geografia para dentro do marxismo, nós não fizemos tão bem em manter o enfoque radical na tradição marxista e, em certo grau, acho que o marxismo tradicional era estreito demais com relação às questões de sexualidade, gênero, raça e etnicidade. Tem havido uma transformação na natureza do pensamento radical, de tal forma que a situação hoje é bem diferente do que era nos anos de 1970.

SF - Milton Santos, um geógrafo brasileiro, propôs uma teoria geográfica que tem como um de seus aspectos centrais, a concepção de espaço como o objeto de estudo da Geografia. Qual a sua opinião sobre essa questão?

DH - Pessoalmente não estou muito interessado na profissionalização da Geografia, do conhecimento geográfico. Acho que uma das virtudes da abordagem marxista é que todas as disciplinas desaparecem. O que não quer dizer, entretanto, que você pode se dar ao luxo de lidar com as questões sem as perspectivas espacial e ambiental. Não estou preocupado com a definição da Geografia para fins de profissionalização. Contudo, minha sensação, em muitas partes do mundo, é que esta é uma questão chave e encontro, geralmente na América Latina, uma profunda preocupação em definir e proteger a Geografia como um campo distinto de estudo. Portanto, se querem que eu a defina de alguma maneira, diria que há três temas com os quais os geógrafos trabalham: o primeiro é o espaço e a organização espacial; o segundo é o ambiente e as questões ambientais; e o terceiro é a ideia de lugar, território e semelhantes. Porém, todos esses temas devem pertencer também à economia, à teoria política, entre outros. Eles não devem ser estudados apenas por uma disciplina chamada Geografia. Se vocês gostariam que eu lhes desse uma definição de Geografia, essa poderia ser: uma disciplina que estuda aqueles três temas [organização espacial; questão ambiental; ideia de lugar e território] e procura projetar seu entendimento sobre os mesmos em questões gerais de como compreendemos a sociedade, a política e a globalização, por exemplo.

LC - Aqui nos EUA, muitos dos geógrafos vinculados à chamada Geografia Crítica se autodenominam Professores e Ativistas. Isso também ocorre de certa maneira no Brasil, apesar de não ser tão comum o uso do termo ativista. Como você vê essa relação? Qual seria o papel do intelectual? Os cursos dedicados às leituras de obras do Marx e sua popularização (disponibilização na Internet) tem alguma relação com a sua concepção acerca do papel do intelectual?

DH - Para começar, acho que toda a esfera da educação é totalmente importante. Não acho que seja confinada a uma escola ou a uma universidade. Entretanto, o que as pessoas aprendem nas escolas e universidades é muitíssimo importante para a sociedade em geral. Por exemplo, ao se adotar uma perspectiva marxista dentro da academia, nós não estamos preocupados simplesmente com o mundo acadêmico, e sim em manter, dentro do campo da produção e reprodução do conhecimento, um entendimento do mundo, alternativo às teorias neoliberais. E é uma luta manter espaços dentro do sistema universitário, onde se possam ensinar essas coisas. E como marxista, faço parte de uma minoria. Tenho de ser um ativista dentro do mundo acadêmico para preservar um espaço onde as coisas acontecem. Existe uma imagem que diz que os professores são apenas sonhadores e ficam simplesmente ali plantados. Na verdade, nós estamos lutando o tempo todo.

Estamos travando a luta de classes dentro do sistema educacional, dentro das universidades, e é muito difícil.

Assim como na indústria siderúrgica, você tem de lutar dentro de certas limitações e regras, na universidade você também tem de lutar dentro das regras da academia. Por exemplo, eu não estaria onde estou se não publicasse muito. Não estaria onde estou se não publicasse coisas que são, entre aspas, respeitáveis. O que quer dizer que, em alguma medida, elas são incompreensíveis (Risos). Porque você está seguindo as regras do mundo acadêmico. Tive muitos bons colegas que perderem seus empregos na academia porque escreviam e seus colegas diziam isto não é acadêmico, é popular. Então, tive de escrever coisas que eram muito acadêmicas, para conseguir meu espaço. Agora estou bem, posso escrever o que quiser. Todos os jovens acadêmicos enfrentam esse problema. Se você quiser galgar uma posição, você tem de escrever algo que é respeitável pelos padrões das disciplinas. É por isso que detesto as disciplinas. Você conhece o título do livro do Foucault: *Vigiar e Punir*. Parece-me, que as disciplinas dizem respeito à vigilância e à punição. Como um acadêmico, você tem de jogar de acordo com as regras – você *tem de fazer* isso, a fim de criar um espaço onde você possa, por exemplo, ensinar Marx ou as coisas que você acredita.

Eu quero ir além da ideia de que não existe ativismo dentro da universidade. Na realidade, existe muita luta de classe em andamento. Uma questão interessante é a relação entre os conflitos que lutamos dentro da universidade e os conflitos que estão em andamento em outros lugares da sociedade. Assim como nos questionamos como o sindicato dos professores se relaciona com o sindicato de metalúrgicos, também existe o problema de como os acadêmicos se relacionam com outras organizações sociais. Como é que nos relacionamos com os advogados? Como é que nos relacionamos com os movimentos sociais que estão ocorrendo na cidade, ou internacionalmente? Meu ponto de vista sobre isso é que somos apenas um componente de uma aliança em potencial. Às vezes existe uma imagem de que somos os intelectuais e, portanto, devemos dizer aos outros o que fazer. Nunca senti que era assim que devêssemos pensar sobre nós mesmos ou como os outros deveriam pensar sobre nós. Nós devemos ser considerados como pessoas que ocupam uma determinada posição na divisão do trabalho, que têm certas habilidades, privilégios e poderes. Da mesma forma que os advogados, nós também podemos cooperar com os sindicatos trabalhistas, com os movimentos de direito à moradia – ao mesmo tempo em que nós também queríamos que eles nos apoiassem no que estamos fazendo dentro das universidades.

Portanto, vejo a questão da seguinte forma: que tipo de coisa eu poderia fazer para ajudar um movimento de moradia? Não posso entrar numa vizinhança e dizer é assim que vocês devem se organizar, é isto que devem fazer, estas são as questões. Não posso fazer isso. Não devo nunca fazer assim. O que eu posso fazer

é dizer: vejam, tenho examinado o papel da moradia em relação ao acúmulo de capital nas cidades e vejo que acontecem certas coisas. Vocês querem saber sobre essas coisas? Isso ajudaria vocês a organizar sua luta de alguma forma? Se vocês quiserem saber, ficarei contente em falar com vocês e estar com vocês. Posso escrever coisas. Posso escrever sobre a cidade ou qualquer coisa do tipo, que pode ajudar um pouco na organização do que estão fazendo. Talvez possa fazer essas coisas da mesma maneira que um advogado poderia vir a um movimento de moradia e dizer: vocês sabem que a lei permitiu que fizessem isso? Existem algumas questões legais que talvez vocês possam fazer.

Vejo nosso papel como parte integrante de uma luta muito mais ampla. Temos um nicho específico dentro da divisão do trabalho e podemos usar coisas dentro desse nicho para ajudar outros em certas circunstâncias. Porém, ao mesmo tempo em que fazemos, também aprendemos quando cooperamos. Algumas das minhas melhores ideias têm surgido ao trabalhar com organizações de base. Vejo coisas que não vejo dentro da academia, ou que não posso tirar da literatura. Vejo coisas acontecendo, eu aprendo com elas e isso também é parte muito importante do diálogo.

SF - Pelo menos desde a década de 1970, vivemos um período de sobreacumulação de capital, que foi recorrente em outros momentos, como bem demonstrou G. Arrighi. Em cada um desses períodos, a expansão territorial desempenhou um papel central, oferecendo novas formas de valorização para o capital sobreacumulado. Contudo, o capital disponível atualmente, nunca foi tão grande e a disponibilidade de territórios a ser incorporado ao modo de produção dominante nunca foi tão pequena. Somente a elite global super-rica somou pelo menos 21 trilhões de dólares em paraísos fiscais até o final de 2010. Valor equivalente à soma das economias dos Estados Unidos e Japão. Estaríamos vivendo um período de crise estrutural do capital ou haveria a possibilidade de um novo salto pra frente como em momentos anteriores?

DH - Acho que já chegamos ao ponto de saturação. Minha tendência é citar um ponto de inflexão na história do capitalismo, em que as possibilidades de expansão estão bloqueadas. Não totalmente, ainda há lugares como a África e a Ásia Central que ainda não foram totalmente colonizados. Mas, quando se vê como a China - uma economia e uma população imensa - e o antigo Império Soviético foram integrados à economia global. Observamos que mesmo essas massivas expansões não têm fornecido o crescimento que forneceria [ao capitalismo] um caminho suave para o futuro.

Quanto ao capital, há um perigo muito grande de sobreacumulação, isto é, muita capacidade excedente com relação à possibilidade de sua absorção. Como resposta, temos presenciado o desenvolvimento de mercados de capitais fictícios, como o comércio de carbono ou as bolhas de ativos nos mercados imobiliários. Há

uma ênfase enorme em investimentos rentistas, como em terras - apropriação de terras na América Latina e na África. Isso também ocorre com relação aos direitos de propriedade intelectual, em que as pessoas podem agora dizer: não ligo para a produção, simplesmente vivo dos retornos das licenças para produzir. Estamos nos movendo na direção de um tipo de economia rentista em que as classes altas não irão se manter produzindo coisas, elas irão viver de controlar os recursos do mundo e da renda.

O que é paradoxal, porque Ricardo, lá atrás, em 1817, já achava que o capital teria um fim, com a absorção de tudo pela classe rentista. Ricardo tinha uma teoria da taxa de lucro decrescente e um cenário do fim do capitalismo. Tudo dependia do poder dos rentistas. Keynes, no final da década de 1930, falava sobre a eutanásia do rentista, que desapareceria. Mas agora, estamos numa situação em que o rentista está de volta, e concordo com Ricardo, e acho que Marx também concordaria. Isso é o fim do capital, ao menos como nós o conhecemos.

E se for o fim do capitalismo como nós o conhecemos, então a questão central é que tipo de economia vai emergir desse prolongado período de crise? Porque a crise tem estado aqui nos Estados Unidos, desde 2008, estava no Brasil e na Argentina, em 2001 e 2002, estava na Ásia Oriental, em 1988, estava na Rússia... Na verdade tem sido uma longa crise que se desloca geograficamente, acompanhada por uma crescente financeirização. O que é algo muito importante na análise de G. Arrighi. De maneira que acho que estamos enfrentando uma grande transformação. Mas, o interessante é que em todos os períodos anteriores de perigo para o acúmulo de capital, novos pensamentos surgiram. Neste período específico, não existe pensamento novo. Simplesmente não se vê. Eles têm somente duas alternativas [retorno ao keynesianismo ou reforço das políticas monetaristas]. Não existe absolutamente nenhum tipo de pensamento novo, e isso, provavelmente, tornará a crise ainda muito pior.

É uma situação louca e isso nos traz de volta ao que está acontecendo dentro das universidades. O pensamento neoliberal é dominante nas universidades. E não vamos chegar a lugar nenhum a não ser que haja uma revolução total dentro das universidades e do mundo da produção do conhecimento. Isso não é dizer que conhecimento novo impulsiona o mundo. Não faz isso, mas conhecimento novo é uma condição necessária para que haja algum tipo de movimento em direção a uma alternativa racional. E não está sendo produzido, exceto por alguns personagens à margem.

SF - Em minhas pesquisas sobre a expansão da fronteira agrícola moderna no Brasil, venho observando a entrada de novos agentes na produção. Até alguns anos atrás, a produção era controlada praticamente por grandes empresas internacionais através do controle da circulação (transporte, armazenamento, fornecimento de crédito e insumos químicos). Essas empresas não compravam terras e nem

produziam grãos. Mais recentemente, grandes fundos de investimentos financeiros (inclusive fundos soberanos do Catar e da China) passaram a comprar terras e produzir grãos, mudando as relações de poder pré-estabelecidas. Você acha que a presença desses grupos financeiros na fronteira agrícola brasileira é um exemplo de novas formas de acumulação por espoliação?

DH - Sim! A acumulação por espoliação tem ocorrido através da história do capitalismo. Temos visto uma crescente ênfase na espoliação, na medida em que a expansão da própria produção tem sido limitada. É por isso que associo a espoliação a esse aumento da economia rentista. Todo mundo quer comprar terra, comprar recursos, e você verá exatamente o mesmo processo acontecendo na Índia central, na Indonésia, na África. É um processo global em andamento, e que, por sua vez, não acho que temos estudos suficientes sobre isso. Em alguns casos, como na Argentina, existem leis contra a compra de terras por companhias estrangeiras, de maneira que elas se associam com donos de terras locais. Essas são formas distintas de ter acesso às terras, em que o controle se dá de forma indireta.

MC - Nas minhas pesquisas sobre os *Call-Centers*, que se transformaram nas novas fábricas espalhadas pelo mundo, principalmente nas grandes cidades latino-americanas e asiáticas, tenho percebido a dificuldade dos trabalhadores em conduzirem as mobilizações contra a exploração a que estão submetidos. Num caso emblemático no Brasil, após 40 dias de greve, a empresa simplesmente mudou o local (a cidade) de sua operação e, com isso, o movimento foi completamente enfraquecido. Quais as estratégias que os trabalhadores poderiam usar contra as ações em rede das empresas?

DH - Isso que você está relatando tem acontecido há muito tempo. Lembro-me de ter acesso a um memorando de uma empresa de consultoria para algumas companhias na Califórnia, que as aconselhavam a dividir seu processo de produção em pequenas unidades. Nenhuma unidade deveria ter mais do que 200 trabalhadores e os locais de trabalho deveriam estar ao menos a 200 milhas de distância um do outro. O memorando dizia que se as empresas fizessem isso, elas não teriam nenhum problema com os sindicatos. Elas teriam controle total sobre a sua força de trabalho, sem nenhuma interferência dos sindicatos.

Essa é uma estratégia geopolítica das corporações. Especialmente com relação aos *call-centers*. O custo de mudar de lugar é relativamente pequeno. A única coisa que você tem de fazer é pegar os computadores. A mesma coisa se aplica às indústrias de confecção. Lembro-me, que em Los Angeles, durante os anos de 1990, havia muitas indústrias de confecção de roupas, e de vez em quando, algumas delas eram declaradas ilegais, de maneira que simplesmente mudavam-se para outro lugar. Elas nunca tinham mais do que 100 pessoas, simplesmente pegavam as máquinas e mudavam-se de lugar.

Sempre houve uma estratégia espacial de controle da mão-de-obra. A resposta seria desenvolver um movimento trabalhista que tivesse a habilidade de superar os problemas espaciais, o que tem se mostrado muito difícil. Os trabalhadores são, via de regra, mais capazes de se mobilizarem em um determinado lugar do que através do espaço. Os trabalhadores têm uma estratégia de organização limitada pelo espaço e as pessoas no movimento trabalhista sabem disto. Portanto, se os trabalhadores quiserem se organizar, concentrem-se em empregos que não podem ser deslocados, como os hospitais, por exemplo. Se organizarmos todos os lugares que não podem ser deslocados, teríamos um movimento trabalhista forte. Se as organizações hospitalares e movimentos trabalhistas estiverem de olho na situação e verem algo mudar daqui para lá podem, então, imediatamente, usar seu poder.

O movimento trabalhista como um todo tem de ter uma estratégia geopolítica. Historicamente, não tenho visto muita consciência dentro do movimento trabalhista de como fazer isso. Provavelmente vai demorar algum tempo para um movimento trabalhista começar a pensar nestes termos. Mais uma vez, isso é algo que nós geógrafos podemos indicar e dizer. Este é o motivo de eu estar interessado em questões de como se organiza uma cidade inteira. Como é que se organiza uma região inteira? Você começa a pensar em uma região de organização um pouco maior, não simplesmente sobre a organização de um setor, como os trabalhadores hospitalares, mas na classe trabalhadora de uma região inteira. Uma ideia do Gramsci, que gosto de citar, é que além dos concílios das fábricas, precisamos de uma organização em distritos, em que seja possível organizar toda a classe trabalhadora. De maneira a progredir de uma forma setorial de organização para uma geográfica. E você junta as duas. É isso que deveríamos ter feito lá atrás em 1919. Mas aí mais uma vez, temos muito que aprender sobre como fazer isso.

MC - Sobre o seu último livro *Rebel City*, você acha que as cidades dos países pobres têm um potencial revolucionário maior do que as dos países ricos? Ou com a globalização e as crescentes contradições, toda cidade do mundo é um espaço, em potencial, para a revolução, para o sucesso das lutas anti-capitalistas?

DH - Acho que toda cidade do mundo tem um potencial revolucionário. A potencialidade para organização é que varia muito, o que explica meu interesse no caso de El Alto [Bolívia], cujas formas de organização permitiram que certas coisas acontecessem. Também estou interessado em olhar mais de perto para o que aconteceu em Buenos Aires, e mais uma vez, o que tem acontecido no Cairo. Você olha, por exemplo, o que está acontecendo na cidade Nova Iorque. O movimento de ocupação [Ocuppy Wall Street] que já se tornou no movimento Ocupar-Sandy. Estes movimentos são muito diferentes, embora ao mesmo tempo haja certa unidade dentro da diferença. Não acho que a potencialidade revolucionária seja maior num tipo determinado de cidade. Existe todo tipo de possibilidade. Se algo vai acontecer

nos Estados Unidos, realmente não sei. É impossível dizer. Ninguém previu o que aconteceu no Cairo ou o que aconteceu na Tunísia, por exemplo.

LC - Nas suas aulas e no seu trabalho você demonstra otimismo em relação ao futuro. O que nutre esse otimismo e quais são as suas utopias?

DH - Sou otimista às vezes, mas também sinto ondas de pessimismo. Porém, não posso enxergar nenhuma vantagem em ser pessimista. Se você for pessimista, qual a razão de fazer qualquer coisa? Coisas pequenas podem ter consequências ligeiramente maiores. Por exemplo, ao colocar minhas palestras sobre Marx na internet [davidharvey.org], encontrei uma resposta positiva. Na medida em que as pessoas não estão recebendo esse tipo de instrução dentro das universidades, pelo menos neste país, então saem para pegá-la fora. Sinto que existem pessoas que querem refletir sobre este tipo de coisa, então devo tentar fornecer-lhes uma maneira diferente de pensar. Sim, é pouco. Não é como se eu tivesse acesso aos principais meios de comunicação do país. Na realidade, estou sistematicamente excluído dos maiores meios de comunicação deste país [EUA]. O que não acontece na Grã Bretanha, por exemplo. Quando vou à Grã Bretanha, frequentemente apareço na BBC. Mas aqui não consigo nada. Mas ao mesmo tempo é subversivo – há um mundo subversivo lá fora e na medida em que posso contribuir, devo contribuir. E até vocês vindo me entrevistar e pedindo minha opinião... Pelo menos algumas pessoas se interessam!

LC - E com relação à utopia?

Bem, o livro em que considerei isso foi escrito nos intervalos, em casa, e escrevi meu próprio esboço de utopia no fim dele [Espaços de Esperança]. Há uma história muito interessante com relação a este livro. Meu editor inglês disse que não devia publicá-lo. Ele ficou apavorado que eu escrevesse tal coisa. E, de maneira geral, o livro nunca foi discutido no mundo de fala-inglesa – a coisa utópica que fiz. Mas, na América Latina, ele foi lido amplamente. Muitas pessoas ficaram interessadas e gostaram dele, e queriam discuti-lo. Na América Latina tive muitas conversas sobre minha versão de utopia. Não sei por qual razão, mas é em países como o Chile, a Argentina e o Brasil, que as pessoas têm lido isto, que tenho muitas vezes encontrado esse tipo de debate.

LC - Isso é interessante. Talvez eles tenham mais a que aspirar, mais a desejar. Você tem encontrado alguma explicação para isso?

DH - Acho que as pessoas na América Latina têm mais imaginação. O mundo de fala-inglesa é muito empirista. É dominado por um determinado tipo de empirismo, especialmente nas ciências sociais. Mas eu também gosto da ideia de um tipo dialético de utopismo e que, portanto, tem de ser dinâmico e permanentemente aberto. Uma das minhas citações preferidas vem do filósofo Alfred North Whitehead,

ao dizer que a natureza é a busca perpétua de novidade, e eu acho que a natureza humana busca perpetuamente a novidade. Historicamente, a maioria dos esquemas tem suprimido a busca da novidade em favor de um estado estacionário. Qualquer esboço de utopia tem de ser sobre procurar coisas novas no mundo, fazendo as coisas diferentes, procurando perpetuamente transformar coisas. Lembro-me de uma conferência teológica, onde apresentei algumas ideias sobre o utopismo dialético. A resposta dos teólogos foi muito interessante. Eles disseram que era fascinante, pois o conceito cristão de Paraíso é tedioso, daí entenderem o porquê de ninguém querer ir para lá. Durante dois anos mantivemos correspondências sobre um conceito dialético do Paraíso. Com quê pareceria? Um dos teólogos disse para mim, imagine um mundo em que não haja nenhuma história nova a ser contada. Por que você iria querer morar lá?

SF - Atualmente, quais são as preocupações que mais estimulam seus novos e futuros trabalhos?

DH - Bem, como vocês sabem, não sou jovem, de maneira que a ideia de sair e fazer algo radicalmente novo não está realmente na frente do que estou pensando. Penso naquilo que já sei, e em que medida esse conhecimento pode ser utilizado para tentar falar sobre a situação contemporânea, isto é, criar um quadro de referência para pensar sobre a situação atual – especialmente através do estudo de Marx. Acabo de terminar a versão escrita do *Companion to Marx's Capital*, Volume 2. O Volume 1 foi muito importante para mim, porque abriu um caminho para as pessoas entenderem o que Marx estava dizendo. O Volume 2 faz a mesma coisa, acho que não sou a única pessoa do mundo que poderia fazer isso, mas provavelmente estou bem equipado e devo fazê-lo.

Neste exato momento, estou pensando sobre o que fazer para contribuir para um melhor entendimento do que está se passando, sobre o que é o capital. Estou trabalhando num texto sobre as contradições do capital. Como entender a noção de contradição e a situação atual nos termos dessas contradições. Tento fazê-lo de maneira simples, para que as pessoas entendam. Felizmente, não requerem mais de mim que escreva textos incompreensíveis! Assim posso começar a simplificar as coisas. Existem algumas questões extras de Marx em que estou interessado, uma delas é o futuro do dinheiro. E há muito trabalho por fazer sobre dinheiros alternativos e como a forma monetária se relaciona com a natureza do capital e o acúmulo de capital. E acho que sou capaz de falar sobre isso, a partir das críticas de Marx às teorias monetárias alternativas de Proudhon. Posso abordar algumas das questões que estão surgindo sobre o dinheiro. De maneira que pode ser que trabalhe um pouco sobre a questão do dinheiro.

Submetido em: 08/07/2013

Aceito para publicação em: 09/07/2013

Publicado em: 28/09/2013